

Europa transfigurada

ANTÓNIO SOUSA RIBEIRO

❏ *Europa transfigurada – Heranças coloniais e restituição*, de Margarida Calafate Ribeiro, é um daqueles livros que deixam perceber de imediato que levaram muito tempo a ser escritos. Não no plano material do tempo de lançar as palavras ao computador, mas no sentido em que o nível da argumentação e a solidez das ideias só podem resultar de um processo longo, de trabalho, de investigação, de reflexão. Na verdade, pode dizer-se que esta obra, que é também o roteiro de um percurso intelectual, fecha, de alguma maneira, um arco que teve início com o livro resultante da tese de doutoramento da autora – *Uma História de Regressos. Império, Guerra Colonial, pós-colonialismo* –, publicado em 2004 e em boa hora reeditado em 2024, sempre sob os bons auspícios das Edições Afrontamento.

A longa sedimentação que referi tem como marcos fundamentais dois projetos de investigação de grande envergadura e de âmbito multidisciplinar dirigidos pela autora no Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra: o primeiro, *Os Filhos da Guerra. Pós-memória e Representações*, focava-se no estudo de filhos de ex-combatentes da Guerra Colonial, pós-colonialmente, a averiguar as implicações para uma segunda geração da exposição a uma memória violenta.

Tanto quanto posso avaliar, deve-se a este projeto a introdução no mapa das ideias em Portugal do conceito de pós-memória, proposto em 1997 por Marianne Hirsch no âmbito dos estudos sobre o Holocausto com vista a captar a dimensão inter- e transgeracional do impacto traumático de situações de violência. A operacionalidade deste conceito difícil e controverso tem vindo a ser amplamente testada e confirmada, no que toca ao contexto português, graças, em boa parte, à investigação conduzida na órbita dos projetos que estou a referir.

O SEGUNDO DESSES PROJETOS – *Memoirs – Filhos de impérios e pós-memórias europeias* – um projeto de âmbito europeu, teve um âmbito transnacional, focando-se nas memórias de uma segunda geração pós-colonial em Portugal, em França e na Bélgica. O capítulo terceiro de *Europa transfigurada*, de certo modo o eixo do livro, aborda com algum pormenor este projeto, designando-o apropriadamente como “laboratório da Europa pós-colonial”. O projeto *Memoirs* permitiu identificar e cartografar a presença no âmbito europeu de pessoas e grupos com raízes familiares nos extintos impérios coloniais e que vivem, hoje, aquilo a que pode chamar-se a condição da pós-memória.

Deste ponto de vista, tratou-se de



um exemplo acabado do modo como a investigação de âmbito académico tem a virtualidade de se projetar no plano social, produzindo um conhecimento que contribui ativamente para uma tomada de consciência e para a transformação de formas de estar no mundo. Por outras palavras, a própria noção de uma geração da pós-memória não é algo que preexistia ao processo de investigação, antes é produzida por esse mesmo processo. Seja no âmbito da literatura e das artes em geral – a exposição *Europa Oxalá*, exibida em Lisboa, Marselha e Tervuren/Bruxelas, constituiu um momento marcante neste domínio –, seja no âmbito das biografias individuais de cidadãos e cidadãs comuns, a simples prestação de testemunho no seio de uma investigação académica e a valorização da voz pessoal em publicações várias permitiram projetar o que, até ao momento, eram experiências supostamente apenas individuais, muitas vezes escassamente articuladas, numa rede relacional que, pela sua própria natureza, confere um sentido amplo e coletivo ao trabalho da pós-memória e permite ao sujeito desse trabalho reconhecer-se numa comunidade que se vai tornando cada vez mais visível à escala europeia.

É a partir deste tipo de questões que se articula a reflexão desenvol-

vida no livro *Europa transfigurada*. O ponto de partida da obra poderá parecer, e deveria parecer, uma evidência: a história da Europa e, em certa medida, a própria definição do conceito de Europa fez-se em boa parte fora da Europa. Por outras palavras, o colonialismo, longe de ser um processo conduzido apenas em paragens mais ou menos longínquas, nas partes de África, das Américas ou da Ásia, foi um processo que transformou profundamente as sociedades europeias e deixou nelas marcas profundas, que perduram e permanecem ativas até hoje. E, do mesmo modo, os processos ditos de descolonização, a partir sobretudo do início dos anos 60, deixaram marcas, a mais óbvia das quais traduzida no afluxo às metrópoles coloniais dos muitas vezes impropriamente chamados retornados, mas não apenas dos ex-colonizadores, também dos ex-colonizados, transformando, transfigurando, irrevogavelmente a paisagem social dos países onde se integram como cidadãos de pleno direito, mas tantas vezes objeto de processos de marginalização e de exclusão, numa palavra, de não-reconhecimento.

Neste quadro, aquilo a que chamei uma evidência – a estreita imbricação entre o colonialismo e a modernidade europeia – está longe de ser universalmente aceite, antes necessita sempre de reafirmação e de argumentação, perante um senso comum em que continua a prevalecer um inconsciente colonial, ou seja, a assunção da pretensa “naturalidade” do processo de colonização. Resgatar da invisibilidade os processos de transfiguração dos contextos europeus pós-coloniais e, antes de mais, os seus protagonistas é, pois, uma tarefa mais do que necessária, urgente. É que esses “fantasmas europeus à solta”, para citar o título do 1º capítulo do livro, têm, na verdade, uma materialidade própria, a materialidade, antes de mais, dos corpos e das vozes de homens e mulheres que, pela sua própria presença, dão testemunho da transfiguração da Europa num sentido incompatível com as persistentes narrativas nacionais e imperiais. Por isso também, como exprime o subtítulo, este livro, sendo



O colonialismo, longe de ser um processo conduzido apenas em paragens mais ou menos longínquas, transformou profundamente as sociedades europeias e deixou nelas marcas profundas, que perduram e permanecem ativas até hoje

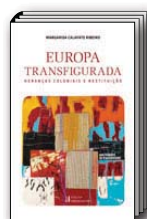
sobre as heranças coloniais, é, do mesmo passo, um livro sobre restituição – restituição, como explicita a autora, no sentido amplo do termo, ou seja, como sinónimo de reconhecimento, como exercício de cidadania que a todos envolve, num ato, não de tolerância, mas de justiça. Neste sentido amplo, como podemos ler, a restituição é parte de “uma nova ética relacional”; e esta, em que pese à cegueira de quem não quer ver, implica necessariamente “o fim do Ocidente, como ‘projeto’ civilizatório, político, comercial e cultural imperial”.

É CERTO, COMO ARGUMENTA

ainda a autora, que “este é ainda um tempo de trânsito entre um modelo passado do qual se quer sair e um futuro que ainda está a ser traçado pelos herdeiros, [...] um tempo de interrogação.” O desassossego desta interrogação é, pode dizer-se, o fio condutor que une os cinco capítulos de Europa transfigurada. Traçando uma síntese ampla, o livro começa por percorrer os processos de descolonização, a partir da voz dos seus mais destacados protagonistas e mais destacados teóricos. A síntese histórica, no entanto, é apenas o ponto de partida para uma ampla reflexão sobre a Europa de hoje, informada por um quadro teórico que cruza os estudos de memória e os estudos pós-coloniais e se move por contextos muito diversos, sem nunca perder o foco temático central nas heranças contemporâneas do colonialismo na Europa e nos diferentes modos de lidar produtivamente com essas heranças.

Das múltiplas vozes convocadas, materializadas, nomeadamente, nas obras de artistas cujo trabalho representa uma confrontação com as memórias do colonialismo, emerge a vasta imagem cartográfica de uma vibrante rede europeia de produção artística e conceptual – um laboratório, de facto, desde logo na busca das linguagens que permitam articular a complexidade dos problemas em presença. E da abordagem de tão amplos exemplos do intenso trabalho de memória sobre o que foi a violência da relação colonial, emerge, por sua vez, a figuração utópica de um outro mundo possível, a figuração de uma Europa verdadeiramente descolonizada, multicultural, em suma, a Europa da restituição, ou seja, do reconhecimento pleno da dignidade de todo o ser humano. **JL**

** António Sousa Ribeiro, prof. catedrático (aposentado) da Fac. de Letras da Un. de Coimbra, e coordenador do programa de doutoramento “Pós-colonialismos e Cidadania Global”, foi diretor do Centro de Estudos Sociais (CES) da mesma Un.*



➤ **Margarida Calafate Ribeiro**

EUROPA TRANSFIGURADA

Afrontamento,
192 pp., 16 euros